

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V—Número 1.461
Quinta-feira, 30 de Agosto de 1923
PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Enquanto os moageiros roubam e gozam o produto do seu roubo, as prisões enchem-se de operários que o governo manda perseguir.

De braços cruzados, não!

Perante a situação criada pelo ministro da Agricultura o proletariado não pode ficar de braços cruzados.

O governo teve a faca e queijo na mão.

Podia ter atendido as reclamações do povo consumidor—e não atendeu!

Podia ter estabelecido o tipo único do pão—e não estabeleceu!

Podia ter obrigado as moagens a fornecer-nos esse pão ao preço a 1\$20, cada quilo—e não obrigou!

Apenas teve energia para mandar acutillar o povo!

Apenas teve energia para encher de operários as prisões!

Apenas teve energia para defender as moagens!

O povo não pode ficar de braços cruzados!

O proletariado tem os seus orçamentos mais agravados! Ele terá de reclamar aumento de salário para poder viver. A isso o obrigam as moagens e o ministro da Agricultura.

DE BRAÇOS CRUZADOS NINGUEM FICARÁ!

A NOSSA ATITUDE

O valor da autoridade moral—Não engentamos responsabilidades—O caminho a seguir

Bem podem os órgãos das moagens, que nos roubam protegidos pelo governo, e os mal intencionados pescadores de águas turvas dizer que a greve geral foi um fracasso por ter terminado sem alcançar o objectivo material a que visava, que, de facto, para quem fôr medianamente inteligente e souber examinar os acontecimentos com imparcialidade, a greve triunfou porque constituiu uma afirmação moral do proletariado. Vencidos, moralmente vencidos—na pior das derrotas—são aqueles que perante um roubo revoltante, uma extorsão ignóbil como é esse negócio do pão, ficaram quados em suas casas e não tiveram a nobreza, a altivez de lançar-se num movimento de protesto que a não ter outra vantagem, possuía pelo menos a grande e desinteressada vantagem de afirmar, no meio da podridão que nos cerca, uma consciência limpa e um alto sentimento de justiça.

Regressamos ao trabalho, sim, mas de cabeça levantada. Regressamos ao trabalho com uma nova força, aquela força que governantes e capitalistas temiam em desprezar, essa força que à força de se perder prepara a queda das instituições e dos homens—regressamos ao trabalho plenos de força moral.

Que nos importa que os governantes, os moageiros, os reacçãoários, os que não tem escrúpulos, a sucapa, se riem de nós? Deixá-los rir... porque nós seremos os últimos a rir.

É possível que todos aqueles que censuram a atitude do operariado em defender-se das ladrocinhas da moagem ainda venham a arrepende-se das suas palavras.

O ministro da Agricultura, se tem consciência e se não possui—como por aí se propala—interesses ligados ao triunfo das moagens, deve já ter ouvido a sua própria consciência apodá-lo de carrasco e explorador do povo.

Quantos furos não está moralmente acima do ministro da Agricultura um simples e ignorado operário que expontaneamente veio para a luta por uma regalia que, afinal até muitos ricos beneficiam, porque toda a gente come pão?

E ainda há quem queira negar ao povo a expontaneidade—e a expontaneidade é uma valiosa deste movimento de protesto! E ainda há especuladores nojentos que censuram a União dos Sindicatos Operários pelo facto de ela ter afirmado sempre, e com carraças de razão, que foi a população consumidora quem proclamou a greve!

Sim, foi o povo e não a U. S. O., quem declarou a greve geral de protesto contra o aumento do preço do pão. E nem a U. S. O. nem a Batalha o declarou por cobardia, porque apenas nos honrariamos se nos antecipássemos à população e insinuássemos primeiro de que ela a necessidade da greve.

ve. Mas as coisas são o que são. «O seu dono». Atribuíamos ao povo os gestos dignos que ele, apenas ele assumiu. Então cabe na cabeça de alguém que se a U. S. O. e a Batalha tivessem proclamado a greve, contra vontade do operariado, ela atingiria as proporções grandiosas que tomou, e que só os órgãos das moagens não quiseram ver?

Foi o povo para a greve de tam livre vontade que ontem muitas classes, a despeito da comunicação oficiosa do Comité da Greve, persistiram na luta, mantiveram o combate cerrado e enérgico contra os ladrões das moagens. Pena foi que outras classes menos aguerridas, menos preparadas para uma batalha de surpresa como esta foi, não tivessem recursos materiais e de energia para sustentar a luta ao lado daquelas que ainda teimam em manter o combate.

Não podemos censurar os que após a terminação da greve, em greve ficaram ainda. Pelo contrário, apenas admiramos e exaltamos tam belo espírito de luta. O espírito de luta nunca é estéril—nem se perde, como muita gente julga. Quem tem força, deve lutar.

REINA O ARBITRIO

Os calabouços pejados de operários

Apesar de ter cessado a greve de protesto, a repressão ainda persiste

O movimento cessou, mas a repressão persiste, como se é de facto ainda continuasse. Apenas uma minoria dos presos durante a greve, foi ontem posta em liberdade. A maioria ainda se encontra detida nos calabouços pelo grande delito de serem operários e, como tal, grevistas, no último movimento.

Nenhum delicto pode ser imputado aos operários presos. O serem grevistas? Mas nesse caso a maioria da população também devia estar presa porque tendo participado da greve praticou o mesmo delicto.

O critério que determinou as referidas prisões, não pode ser discutido. Porque não foi nem bom nem mau visto nem sequer ter existido. O capricho policial não pode constituir um critério, nem mesmo a décima parte dum critério. As prisões constituem na república, uma hábito—e um hábito inveterado. O operário constitui hoje a carne para calabouços. A liberdade dum operário depende hoje da vontade caprichosa dum polícia sem graduação, nem instrução.

E como é hábito da república manter ininterruptamente operários sob ferros, não há nada que menos impres-

Não nos quiseram dar o pão—mais barato? Esse espírito de luta que visou o barateamento do pão, que mudou de directriz e tomou por objectivo a melhoria de salário correspondente ao aumento do preço do pão.

Quando dissemos no começo deste artigo que tudo poderíamos ter perdido excepto a força moral, bem sabemos quanto valia essa força, e que dela pode resultar também um benefício material.

Classes há que vão lançar-se na luta por melhoria de salário. É a força moral a manifestar-se. Quem poderá negar à classe operária a autoridade moral para reclamar maior salário? Quem será capaz de afirmar que são as reclamações proletárias que originam a carestia? Acaso não será antes a carestia da vida—neste caso a do pão—quem fará elevar os salários?

Digam-nos com imparcialidade os espíritos desmoezados se o ministro da Agricultura não contribuindo para o barateamento do pão, não acaba de perder um momento admirável de ser útil à economia do país—da pátria que te julga. Quem tem força, deve lutar.

REINA O ARBITRIO

Os calabouços pejados de operários

Apesar de ter cessado a greve de protesto, a repressão ainda persiste

O movimento cessou, mas a repressão persiste, como se é de facto ainda continuasse. Apenas uma minoria dos presos durante a greve, foi ontem posta em liberdade. A maioria ainda se encontra detida nos calabouços pelo grande delito de serem operários e, como tal, grevistas, no último movimento.

Nenhum delicto pode ser imputado aos operários presos. O serem grevistas? Mas nesse caso a maioria da população também devia estar presa porque tendo participado da greve praticou o mesmo delicto.

O critério que determinou as referidas prisões, não pode ser discutido. Porque não foi nem bom nem mau visto nem sequer ter existido. O capricho policial não pode constituir um critério, nem mesmo a décima parte dum critério. As prisões constituem na república, uma hábito—e um hábito inveterado. O operário constitui hoje a carne para calabouços. A liberdade dum operário depende hoje da vontade caprichosa dum polícia sem graduação, nem instrução.

E como é hábito da república manter ininterruptamente operários sob ferros, não há nada que menos impres-

Pulverizando calúnias

A Capital jornal que insulta cotidianamente a classe operária e calunia os seus organismos colectivos e a acção que eles desenvolvem afirmou que se tinha procurado o dr. sr. Ramada Curto para servir de mediador na questão do pão e que este se tinha recusado. A afirmação é falsíssima. Ninguém procurou o dr. sr. Ramada Curto pela mesma razão que não fez idêntica diligência junto de nenhuma entidade. E, se não foi convidado a mediar entre o comitê do pão e o conhecido advogado ter-se recusado a tal?

Desde que o ministro da Agricultura se recusou a receber a comissão que o procurava não se ia agora procurar maneira indirecta de torcer a sua despolítica vontade ou ela a fazer uma submissa curvatura.

A Capital realizou assim uma dupla calúnia, inventando um pedido e uma recusa e medindo a organização operária pelo sr. Manuel Guimarães que se curva ao dinheiro. Resta averiguar quanto meterá no cofre o director da Capital por caluniar o operariado. Será ordem da celebríssima Patronal? Ou apenas ódio vesgo e mau de especulador contra os que vivem do trabalho?

A calúnia deve ocultar negócio, pela certa.

Transportes aéreos

LONDRES, 29.—Tem havido um constante aumento do tráfico entre Londres e Paris. Durante os sete meses passados os aparelhos transportaram 4.200 passageiros contra 5.200 em todo o ano de 1921. Este facto é devido à ausência de acidentes.

REINA O ARBITRIO

Os calabouços pejados de operários

Apesar de ter cessado a greve de protesto, a repressão ainda persiste

O movimento cessou, mas a repressão persiste, como se é de facto ainda continuasse. Apenas uma minoria dos presos durante a greve, foi ontem posta em liberdade. A maioria ainda se encontra detida nos calabouços pelo grande delito de serem operários e, como tal, grevistas, no último movimento.

Nenhum delicto pode ser imputado aos operários presos. O serem grevistas? Mas nesse caso a maioria da população também devia estar presa porque tendo participado da greve praticou o mesmo delicto.

O critério que determinou as referidas prisões, não pode ser discutido. Porque não foi nem bom nem mau visto nem sequer ter existido. O capricho policial não pode constituir um critério, nem mesmo a décima parte dum critério. As prisões constituem na república, uma hábito—e um hábito inveterado. O operário constitui hoje a carne para calabouços. A liberdade dum operário depende hoje da vontade caprichosa dum polícia sem graduação, nem instrução.

E como é hábito da república manter ininterruptamente operários sob ferros, não há nada que menos impres-

O MOVIMENTO DE PROTESTO

A energia da classe operária que o ministro da agricultura não soube aproveitar para meter as moagens na ordem, vai ser empregada na melhoria dos salários

Apesar do «comitê da greve» ter mantido a paralisação na maioria das fábricas e oficinas apesar de ter cessado o movimento. Resolven-se que a classe retomasse hoje o trabalho. Por fim, depois de se ter protestado contra a atitude das autoridades foi aprovado uma proposta dando plenos poderes à comissão de melhoramentos para levar à prática uma reclamação de aumento de salário.

Como noutro lugar dizemos, a intransigência do ministro da Agricultura, apenas veio complicar a situação económica do povo trabalhador, obrigando este a lançar-se na luta por aumento de salário, única maneira de atenuar os funestos efeitos da subida do preço do pão.

U. S. O.

Nota oficiosa

Confirmamos a nota do comitê dirigente da greve geral pró-barateamento do preço do pão, a União dos Sindicatos Operários da por fim do movimento, aconselhando as classes que ontem ainda não se apresentaram ao trabalho, a fazê-lo hoje.

A U. S. O. pede à classe operária que se mantenha unida e disciplinada e acate as resoluções da reunião dos delegados directos dos Sindicatos. As divergências entre operários apenas podem servir de arma nas mãos dos nossos inimigos, que se empenham em esmagar e desmoralizar o proletariado.

A União não engentia responsabilidades. Como lhe compete, uma vez declarada a greve assumiu a sua direcção. Não foi possível vencer, porque contra o povo se coligaram a força do Estado, que se diz republicano, com a força das moagens. Mas a afirmação moral do povo ficou.

Que não nos responsabilizem pela carestia da vida, contra a qual lutamos com energia. Apenas nos deixarmos um caminho, que em último recurso, temos de trilhar: o do aumento de salário. Trilhá-lo-hemos, pois. — A Comissão Administrativa.

Classes gráficas

A convite das direcções dos sindicatos dos compositores e impressores tipográficos reúne hoje, às 17.30, em assembleia magna, na Rua António Maria Cardoso, 20, as classes dos compositores e impressores (casas de obras e jornais) para apreciar a situação que as classes mantiveram perante o último movimento e a situação em que se encontram alguns componentes da classe, bem como resolver o caminho a seguir.

S. U. Metalúrgico de Lisboa

Reuniu a classe metalúrgica para apreciar o movimento pró-barateamento do pão tendo-se efectuado, com grande concorrência, duas sessões, uma de tarde e outra de noite. Nessas sessões foi acaloradamente discutida a greve de protesto tendo-se a assembleia manifestado em discordância com a maneira pelo que foi finalizada, e registando-se também a falta de persistência de algumas classes.

Constatou-se o facto de ontem se ter mantido a paralisação na maioria das fábricas e oficinas apesar de ter cessado o movimento.

Resolven-se que a classe retomasse hoje o trabalho. Por fim, depois de se ter protestado contra a atitude das autoridades foi aprovado uma proposta dando plenos poderes à comissão de melhoramentos para levar à prática uma reclamação de aumento de salário.

Refinadores de açúcar

Reuniu a comissão administrativa deste sindicato, que tomou conhecimento de que apenas o pessoal de três refinarias não aderiu à greve geral.

Essas refinarias são as da travessa de St.º António da Sé, n.º 6, da Rua 24 de Julho, n.º 102-D, e da rua da Junqueira, 156.

O pessoal desta última, além de atirar contra o movimento, ainda se prestou a substituir os operários da Refinaria Brasileira, que, com grande espanto seu, ao pretenderem retomar o trabalho, viram os seus lugares ocupados pelos subjugos: António Lourenço, ex-polícia civil; António Henriques da Silva, João Varella, José Monteiro Salgueiro, António Lourenço, mais conhecido por Setúbal, e outros cujos nomes ainda se não conseguiram averiguar.

O pessoal da Refinaria Brasileira reuniu hoje, às 20 horas, na sede do Sindicato, para se ocupar do assunto.

Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina

Reúne hoje, às 20 horas, para apreciar a maneira como finalizou o último movimento, devendo comparecer a esta reunião todos os militantes da área do Alto do Pina.

Reúnem em assembleia geral os operários da Construção Civil da Amadora e dos arredores que apreciaram o último movimento, tendo constatado não ter a maioria dos operários retomado o trabalho.

Violências policiais

O operário pintor da construção civil José Filipe, quando se encontrava no largo do Rato com um condutor de carruagem foi preso e agredido pelo agente Teixeira, sem motivo justificado.

Aguarda entrada no posto policial do Rato foi novamente agredido pelo mesmo agente e pelo cabo Fernando. Estas agressões representam uma violência condenável pois o referido operário não deu o menor pretexto que de justificação pudesse servir a sua arbitrária prisão e a brutalidade com que o trataram.

U. S. O. de Almada

Nota oficiosa

Esta União, reunida em conjunto com as comissões para apreciar a marcha do movimento pró-barateamento do pão, resolveu convidar as classes a retomarem o trabalho, ficando encarregada uma comissão de tratar do assunto junto das autoridades.

Ao mesmo tempo congratula-se pela forma digna como o povo trabalhador

correspondeu ao chamamento desta organização, mostrando assim possuir uma alta consciência, e convida-o a estar de sobreaviso para o que possa surgir, e que reclame novamente a sua solidariedade.

S. U. da Construção Civil de Almada

Nota oficiosa

Este sindicato, congratula-se pela forma como os componentes da indústria acataram a greve geral contra o aumento do preço do pão, proclamada pela U. S. O., convida os seus componentes a retomarem o trabalho hoje, visto o movimento estar suspenso, e protesta enérgicamente contra as perseguições feitas pelo governo contra o operariado por saber manifestar a sua consciência.

Em Braga

As resoluções da U. S. O. local

BRAGA, 26.—Para tratar da momentosa questão do pão, reuniu extraordinariamente, no passado domingo, a Comissão Administrativa da U. S. O. tomando importantes resoluções de acordo com delegados do Sindicato dos Manipuladores de Pão. Outrosim ficou resolvido enviar a C. G. T. secundando-a na luta encetada contra a desmedida ganância da Moagem e protecção criminosos que os governantes lhe vêm dispensando em detrimento do povo consumidor.—C.

Em Vialonga

O povo disposto a não consentir o aumento do preço do pão

PÓVOA DE SANTA IRIA, 29.—O povo de Vialonga, localidade próxima, acaba de iniciar um movimento contra o aumento de preço do pão.

Ontem, de manhã, os sinos tocaram a rebate, acordando a população às paradas para impedir que o pão se vendesse a 1\$60, como estava projectado. Parece, porém, que o pão do novo tipo ainda não fôr manipulado, motivo porque o povo retirou sem aplicar a justiça de Fale.

Hoje, novo toque de sinos se fez ouvir e novo levantamento se deu, desconhecendo nós ainda o que se passou, a não ser que uma comissão procurou o administrador do concelho. Vamos colher informações para as transmitirmos à Batalha.—C.

O professorado e a C. G. T.

A Capital de ontem mostrava-se reciosa da influência dissoluta que os sindicalistas poderiam exercer junto do professorado primário. afirmou que o nosso camarada Santos Arranha que ao Congresso de Leiria foi representar simultaneamente a Confederação Geral do Trabalho e o jornal A Batalha, abusou da sua situação de representante da imprensa para fazer propaganda sindicalista. Como A Capital está mal informada, julgamos prestar-lhe um serviço, dizendo-lhe que Santos Arranha foi convidado a fazer uso da palavra, como representante da C. G. T., e mesmo que o fosse como representante de A Batalha que havia de dizer sentenças essas coisas «erradas» que tanto incomodam A Capital?

O PROTESTO CONTRA OS RICOS... LADRÕES

Há quem suponha que as nossas campanhas sustentadas contra este regime de ignorância, em perfeito estado de putrefacção, tem a orientação da classe dos aristocratas, proclamando o alto da sua filosofia. Isto é que nós apenas desejamos transpôr os humbraes da tirania, ganhando a confiança da multidão declarando-a inimiga contra os ricos.

Embora a filosofia opinio daquele que mais tarde foi o oráculo dos teólogos escolásticos tivesse a confirmação das várias passagens do acontecimento histórico, não podemos, contudo, quanto à nossa parte, deixar de considerar falsa a sua aplicação que contra nós querem dar os sofistas burgueses.

Se constituíssemos um partido político, embora radical, embora avançado, que defendesse o critério da conquista do poder, como único meio de salvação humana, então poderíamos duvidar dos nossos intuitos, obrigando-nos a umas aspirações a dominadores de rebanhos humanos, instalando-nos nos cómodos palácios dos privilégios dirigentes e providencialistas...

Isto está bem a caráter para os políticos que procuram sempre armar a *sen-sa-ti-a*, como aconteceu com os republicanos nos tempos da outra senhora. Eles pregaram contra os ricos e as suas riquezas escamoteadas; eles protestaram ferozmente contra todos os roubos dos grandes potentados da indústria e da finança; eles insurgiram-se contra as carapatas dos monopólios que arruinam o povo; eles dedilharam o aláude do sentimentalismo indigente e cantaram o *fado* da miséria e da opressão proletária.

Consequindo os seus fins, assaltado o poder, abandonados no doce *far-niente* das suas posturas rendosas—chegamos à dolorosa conclusão a que nos conduziu toda essa borraçalha que todos os dias presenciámos: senão todos, quasi todos estão convencidos na intensificação da roubalheira, na multiplicação dos monopólios, na constituição de novos trusts na pirataria da moagem e da panificação; numa palavra: nas mil e uma tratantadas que são a causa permanente de toda a agitação nacional. Enriquecendo-se a olhos vistos e quasi repentinamente, tornaram-se os novos tiranos

e os modernos protectores de toda a sorte de ladrões...

A nossa campanha é diferente, porque ela não visa apenas ao cultivo da emoção popular. Não somos bem nós que protestamos contra os ricos e os ladrões. Estes, como bem disse Leroy Beaulieu, é que, com a sua vida e as suas acções, predam contra a sua própria sociedade de crimes; estes é que são os grandes factores do socialismo, apresentando uma questão a resolver: a questão social; despertando uns desejos, entre as massas espoliadas: os desejos, cada vez maiores, de viverem também felizes, de terem, por igual, o direito ao pão, que o governo e a moagem actualmente restringem.

Assim posta a questão, nós, militantes das ideias libertárias defendidas pela organização trabalhadora; nós, parte integrante dessas mesmas massas espoliadas, reconhecemos, com Say, que a riqueza e a miséria caminham em linha paralela. Vemos, com Rousseau, em cada palácio que se levanta, majestoso, nas capitais, a rasgar o azul dos céus, a ruína de todo um país...

Por exemplo: os bancos; por exemplo: os ministérios, essas bocas de lobo que tragam toda a felicidade pública... Pretendemos, para remediar o mal, apoderarmos-nos desses bancos e desses ministérios? Não; para curarmos o mal, ambicionamos eliminar esses bancos e destruir esses ministérios. Se o paraíso dos ricos é formado com o inferno dos pobres; se os ricos complicam a vida com mil superfluídades, tam nojentas como pilas de superfluídades, se aqueles que possuem muitas riquezas artificiais não é mais rico do que aquele que possui todos os meios de adquiri-las com um valor mais real—se não são nem um pouco Hugo, Michelet e Rosell—nós o que queremos, não é abandonar o inferno dos pobres para ir para o paraíso dos ricos, mas desbaratar esse paraíso para cair o inferno; não é fugirmos para as superfluídades, ajudando a complicar ainda mais a vida, tornando-a ainda mais nojenta e perigosa, mas repudiar todas as superfluídades existentes, todos os desbaratos, todos os desmandos, todas as licenciosidades luxuosas e orgânicas, para que a Humanidade

servindo-se dos melhores meios de adquirir a verdadeira riqueza—as ferramentas do trabalho na posse de todos os proletários do campo e da cidade—se liberte da praga estúpida de toda a espécie de ladrões.

Sendo, como diz Laboulaye, a riqueza do dinheiro, a riqueza do ouro, «uma querida exigente que precisa de todo o coração e de toda a existência do homem», nós queremos libertar esse coração, nós queremos que o homem se emancipe pela fertilização de todo o terreno inculto; pelo labor intensivo das fábricas e oficinas ocupadas livremente por todo o ser válido sem excepção; pela abundância dos depósitos das comunas federadas, onde cada membro componente, produtor e consumidor ao mesmo tempo, se vai abastecer do que necessita, sem o auxílio do agente intermediário do dinheiro manciado pelo acaparamento, pela especulação, pela manipulação do comércio, do industrial, do banqueiro, do burocrata, do fiscal—de tudo quanto constitui o Estado capitalista. Essa verdadeira riqueza a riqueza natural, a riqueza moral, a riqueza espiritual, física, económica e social—não se consegue pela tirania ganha com a confiança da multidão ludibriada...

Consegue-se com a extinção de todas as castas parasitárias; com a anulação de todos os monopólios, como os da moagem, auxiliados pelos governantes e soldados; com a destruição de toda a base jurídica que legaliza o roubo das classes produtoras pela imposição mercantil de todas as plutocracias; com a extinção de toda a autoridade e o triunfo da liberdade; com a transformação do regime da propriedade privada e com a organização, em cada grupo dentro da Comuna, em cada comuna federada, das comunas inteligentes e federadas, da produção e do consumo em comum...

É, por isto, é para isto, que nós nos rebelamos contra os ricos, contra os ladrões que campeiam à solta nesta batalha nacional, saqueando todas as bóias, invadindo todos os lares, martirizando todos os que trabalham e não vivem dos assaltos dados na tenebrosa estrada económica e política...

Clemente Vieira dos SANTOS.

A polícia

Lavra grande descontentamento contra o aumento do preço do pão

Recebemos um impresso de autos da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, uma declaração sobre a atitude da polícia no último movimento contra o encarecimento do pão. Nesse documento, escrito a tinta e duma maneira legível, afirma-se que a polícia se encontrava ao lado da classe trabalhadora e pedia-se a esta que a não hostilizasse.

De envolta com esta preciosa afirmação faziam-se energias e contundentes comentários à carência do pão e classificavam algumas medidas repressivas de fantochadas carnavalescas.

O documento não é longo, mas é bastante expressivo. Significativa é a sintetização do estado de espírito em que se encontra a polícia? Não nos admira que tal aconteça dada a época de latrocínio em que vivemos e em ser a própria polícia agravada com o estúpido aumento do custo do pão.

Pró-Casa dos Trabalhadores do Porto

Um grandioso festival nocturno no Palácio de Cristal

Promovido pela Comissão Central Pró-Casa dos Trabalhadores do Porto, realiza-se no próximo domingo, pelas 21 horas, no Palácio de Cristal Portuense, um grandioso festival nocturno, que está provocando vivo interesse e entusiasmo entre o proletariado daquela cidade.

Do programa fazem parte surpreendentes iluminações, um concerto pela tam juntamente apreciada banda da Guarda Nacional Republicana e vistosos fogos de ar, aquático e de artifício, fornecidos pelos famosos pirotécnicos Castro, de Viana, e Rodrigues, do Bonfim.

A excelente elaboração do programa, o alto fim em vista e a modicidade dos preços de entrada, apenas 3000, garantem uma extraordinária concorrência a este festival, que deve marcar como uma demonstração do bom gosto e dedicação dos elementos operários que o vão realizar.

SECÇÃO TELEGRAFICA

Federações

CONSTRUÇÃO CIVIL

Sindicato de Portimão. — Foi tomado na devida consideração o vosso esforço. O expediente segue hoje.

Sindicato de Alcains. — O livro de descarga será enviado quando estiver concluído o papel timbrado.

Sindicato de Vila do Conde. — Recebemos vosso ofício. As cadernetas são enviadas hoje. Enviá-nos a cotização.

MOBILIÁRIA

S. Brás de Alportel. — A. P. — Seguiu carta registrada. Acons. recepção.

Mutualismo e cooperativismo

Cooperativa dos Fragateiros. — R. úne hoje, às 10 horas, em assembleia geral, para que os sócios tenham conhecimento dos contratos feitos com a compra das últimas embarcações. A direcção pede aos sócios a sua comparecência visto tratar-se dum caso da maior importância.

Molas ocultas

O major sr. Marrecas Ferreira, comandante da polícia, é uma pessoa esparta. Por isso não gosta que o entremistam para não ser pôsto em loco. Mas se a sua imaginação descobre mico-bolantes segredos do proletariado esfrega as mãos de contente quando encontra um jornalista. Todo o seu empenho é ver em letra redonda o produto das suas cogitações.

Ontem, um redactor do *Diário de Lisboa* encontrou-o de boa maré... O sr. Marrecas Ferreira falou-lhe ao ouvido, disse-lhe coisas bonitas, sensacionais, mas nubladas, muito nubladas. Por serem nubladas o redactor só nubladas as pôde reproduzir e os leitores não puderam compreendê-las. Apenas uma coisa se percebeu: que a greve foi movida por «molas ocultas». Provavelmente o sr. Marrecas Ferreira é que pessoa esparta e anda no segredo dos Deuses deve saber também que «molas ocultas» levaram o ministro da Agricultura a defender os moageiros...

A BATALHA

Os naturais transformos motivados pelo movimento de protesto contra o aumento do preço do pão, como é fácil de calcular, não nos permitiram publicar regularmente a *Batalha* com as habituais quatro páginas. Amanhã, porém, contamos ter todos os nossos serviços regularizados, voltando, portanto, às quatro páginas do costume.

Escola Profissional de Enfermagem

Desde o dia 1 do próximo mês de Setembro encontram-se abertas as matrículas para o ano lectivo 1923-24. As condições de matrícula encontram-se patentes na Secretaria da Direcção Geral dos Hospitais Civis de Lisboa, no hospital de S. José.

PELA ORGANIZAÇÃO

EM PORTIMÃO

Foi reorganizado o Sindicato da Construção Civil

Em reunião efectuada em 25 do corrente foram nomeados os camaradas para os corpos gerentes deste Sindicato, que devido aos esforços duma comissão foi reorganizado. Nesta reunião, usou da palavra o camarada José Buizel, que fez largas considerações demonstrando o valor da organização operária.

Universidades, Prademas e Escolas

Escola Preparatória de Rodrigues Sampaio. — De 1 a 20 do próximo mês de Setembro, das 11 às 15 horas, está aberta a matrícula no curso professado nesta Escola, que serve de habilitação à matrícula nos Institutos Industrial e Comercial e na Escola Prática dos Correios e Telégrafos e habilita às carreiras comerciais e industriais.

No salão da Escola estão patentes as matrículas para requerimentos e as informações necessárias.

A matrícula para os novos alunos só começa no dia 11.

TEATRO APOLO

A's 9,30 da noite
A SENSACIONAL PEÇA

AS PUPILAS DO SR. REITOR

Os mais maravilhosos cenários de que há memória

TEATRO SÃO LUÍS HOJE

Récita elegante da moda
Penúltimo espectáculo em que toma parte a tonadillera
LA GOYA
Todas as noites
se representa completa a revista
Fado Corrido

AS GREVES

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa

Reuniu ontem esta classe, para tomar conhecimento dos trabalhos efectuados pela comissão de melhoramentos junto do ministro do comércio e do Conselho de Administração.

Aquele ministro, na entrevista realizada no pré-territo-sábado, ponderando que não podia ser aceite a reclamação de 100 000 e que o pessoal renunciava por sua vez a oferta de 3350 feita pelo Conselho, indicou a necessidade de o mesmo pessoal aprovar uma tabela mínima de salário, de maneira que ele, ministro, e o Conselho ficassem habilitados a poder resolver definitivamente o assunto.

Manifestou ainda o mesmo senhor desejos de que essa deliberação lhe fosse entregue no mesmo dia, o que se fez por a assembleia, reconhecendo a necessidade de parte a parte se transigir, resolver baixar para 85 % a reclamação de aumento de salário.

Ficou o ministro de convidar o Conselho a resolver sobre a nova reclamação e, entretanto, declarando já nada ter que intervir no conflito, porque a sua solução dependia agora apenas do citado Conselho.

Tendo sido procurado o dr. Jacinto Simões, administrador da Exploração do Porto de Lisboa, este senhor respondeu não receber a comissão nem com ela negociar enquanto o pessoal se mantivesse em greve. Só depois de se retomar o trabalho entraria em negociações para a solução do conflito.

Em face desta resposta, os grevistas, na sua reunião de ontem, deliberaram prosseguir no movimento até serem atendidas as suas reclamações, realizando hoje nova reunião, às 17 horas, para tomarem conhecimento das «demarções» que se tenham realizado.

Operários chapeleiros
Encontra-se em greve desde 24 do corrente o pessoal da fábrica Martinho, sita na rua da Metade, em virtude da resistência dos industriais em atender as suas reclamações.

EM BRAGA
Operários da indústria do mobiliário
BRAGA, 25.—Apesar de decorridas 7 semanas mantêm-se inalterável a greve dos mobiliários desta cidade, não obstante os *Argus* empregados pela ridicula secção (P) local da Confederação Patronal.

Os grevistas na sua última reunião, à qual assistiu um delegado directo da Federação Mobiliária, resolveram manter-se na luta até satisfação integral das suas reclamações que consistem no seguinte: Aumento de 4900 para oficiais, idem de 2650 para ajudantes, idem proporcional para aprendizes com prática e mínimo de 1900 para aprendizes sem prática; proibição completa das horas suplementares e pagamento dos dias de greve.

A Federação Mobiliária por intermédio da sua delegação federal do norte tem enviado delegados às sessões dos grevistas, que continuam dispostos a lutar até à vitória.

NO PORTO

Operários tamarqueiros

PORTO, 27.—Com grande entusiasmo foi votada a greve geral da especialidade de tamarqueiros no passado dia 13, tendo-se tornado parcial logo nos primeiros dias de luta em virtude de grande parte dos industriais terem feito a oferta de 50 %, sobre os atuais salários, tendo sido a reclamação inicial de 70 %.

A classe, ao ter aceite os 50 %, resolveu retomar o trabalho nas casas que assinaram esse aumento, fê-lo na intenção de contribuir para que o conflito fosse solucionado sem desprestígio para ambas as partes em luta; porém alguns senhores industriais não o entenderam assim, e vão se mostrar emtransigentes, negando mais um pouco de pão a aqueles que lhe metem nos cofres fortunas inacreditáveis.

Todavia, tendo-se avistado uma comissão, composta de fabricantes de calçado e de grevistas, com a firma Loureiro & Vicente, acordou-se em aqueles industriais voltarem a receber a comissão na próxima quinta-feira, sendo de esperar que se chegue a «terminus» do movimento.

EM SETÚBAL

Uma greve de metalúrgicos por uma questão de ordem moral

O pessoal da casa de fundição do industrial José Miguel declarou-se em greve, por uma questão moral. Foi o caso que um operário que trabalhava ao forno da fundição, deixou passar por descuido uma granada que se encontrava carregada, no meio de outra sucata.

O encarregado da casa, começou por insultar o operário e esperando-o na rua, agrediu-o com duas facadas.

Quando no dia seguinte os operários entraram na oficina, não quiseram retomar o trabalho sob a direcção do tal encarregado fagista, encontrando-se portanto em greve até que o industrial se decida a demitir aquele facinoroso.

Os grevistas previnem os seus camaradas de Lisboa, para que não vão trabalhar para aquela casa e fim de não traírem o movimento.

Teatro Maria Vitória

(AVENIDA PARQUE MAYER)
HOJE e todas as noites
Dois espectáculos com a célebre revista
FADO CORRIDO
Ampliada com um novo quadro e 4 números novos
Deslumbrantes cenários

A BATALHA NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

COVILHÃ

15 DE AGOSTO
Infâmias a que urge pôr termo
Referimo-nos na nossa penúltima correspondência a alguns operários arvorados em mestres que cometem abusos, que muito os Jaria revoltar se eles se encontrassem na situação em que se encontram os que estão debaixo da sua alçada.

Hoje vamos citar dois exemplos passados, um na semana passada na fábrica Ultimática Gomes, Fael & C., e outro na fábrica de Filipe Saraiva.

Essa correspondência publicada em *A Batalha*, causou enorme satisfação entre o operariado e em especial entre as vítimas das represálias de alguns mestres e patrões.

Pois, talvez por que lhe assentasse a carapuça, o sr. António Gomes, ex-cozeiro e hoje arvorado em industrial, (isto deixa muito) vendeu uma operária com um exemplar de *A Batalha* na mão, dirigiu-se lhe e perguntou-lhe se as mulheres também liam o nosso jornal. Como ele respondeu afirmativamente, este cavalheiro pediu-lhe e rasgou-na a sua frente, facto que podemos provar se for preciso.

Agora nós respondemos-lhe em lugar da operária: Nós operários temos tanto direito a ler os nossos jornais que são os únicos que falam a verdade e combatem a hipocrisia, como o sr. Gomes tem o direito de ler a *Epoca* e tantos outros pasquins, semelhantes a uma folha de couve que na praça se vende por qualquer preço...

O outro caso passado na fábrica Saraiva: Duz operários que pretendiam entrar dois minutos depois de tocar o apito, não poderam trabalhar meio dia. Estes casos passaram-se com frequência em muitas oficinas, sendo necessário que o operariado ponha termo a tais infâmias, para os quais chamamos também a atenção do respectivo sindicato.

A política e as muitas

Será verdade? Segundo uma informação que recebemos duma pessoa amiga, a polícia foi aumentada nos seus vencimentos com estas condições impostas pela Câmara Municipal: multar seja quem for, desde que não sejam amigos nem pertençam às camadas sociais da *alta roda*, sendo uma parte das multas acrescidas no fim de cada mês aos antigos vencimentos, de maneira que quantas mais multas aplicarem maior será o seu ordenado, e para isso andam munidos duma espécie de *block-notes* para tomarem apontamento das multas aplicadas. Será verdade? ... Nós acreditamos que o seja, porque a polícia tem andado ultimamente numa caçada terrível à multa.

SILVES

28 DE AGOSTO
Uma bela iniciativa dos corticeiros
Já vão muito adiantados os melhoramentos que os corticeiros resolveram realizar na sede do seu sindicato e que consistem em levantar mais um pavilhão, fazendo-se assim uma ampla sala, que ficará sendo talvez a maior desta cidade.

Devem os camaradas corticeiros que ainda não contribuíram com o seu auxílio material para este tão útil empreendimento, fazer-lhe com brevidade para que não paralise as obras, visto a direcção estar lutando de há muito com a falta de recursos.

Pela instrução

Resoluiu o mesmo sindicato rifar, em benefício da sua escola, um virtuoso quadro com moldura em cortiça, o qual foi sorteado pela lotaria de 18 p. p. e coube a Manuel Correia, residente na Mexilhoira da Carregação—C.

ALJUSTREL

28 DE AGOSTO
Será verdade?
Constou-nos que o dr. sr. Brando, médico municipal desta vila, como de seje estar sempre à sua vontade e fazer tudo ao seu bel-prazer, tenta desfazer-se do colega dr. Eduardo B., que tem da prova de trabalho honesto e activo e que, apesar de estar aqui há poucos dias tem captado simpatias.

Será porque não é político? Oxalá que assim sempre se conserve no desempenho da sua alta missão, e o dr. Brando não julgue que Aljustrel se conservará sempre no mesmo silêncio, porque o tempo dos mandões há de acabar. Sua ex.ª estava habituado a procurarem-no num dia e a ir ver o doutor no dia seguinte. São amarguras, mas as verdades tem de dizer-se.

Um conselho não pode estar à mercê duma criatura que não se preocupa com a saúde dos seus habitantes.

Juntas de Freguesia

Conselho Central
Reúne hoje, pelas 21 horas, na sede da Junta de Freguesia da Encarnação, sr. Garrett, 109, o Conselho Central das Juntas de Freguesias a fim de apreciar a questão do inquilinato, pão e carvão.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Dramático «Os Combatentes». — Realiza-se hoje récita e continuação da feira franca.

Trabalhadores.

Lede A BATALHA

Em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 24.—Com uma enorme concorrência de operários da construção civil e de outras profissões, efectuou-se ontem na sede do Sindicato dos Operários Canteiros e Pedreiros, uma sessão de propaganda sindical, na qual tomou parte o secretário geral da Federação da Construção Civil, Alberto Dias.

Depois de apreciados vários assuntos, entre os quais um que dizia respeito à estada em Lisboa de cinco operários da indústria, desta localidade, e que ficou completamente liquidado após troca de esclarecimentos entre esses operários e o secretário geral da Federação, fez uso da palavra Cândido Gomes, dos fabricantes de calçado, que se referiu ao estado actual da organização operária em Viana e à necessidade imperiosa do seu desenvolvimento, citando também a campanha que *A Batalha* tem feito contra os traficantes de todas as espécies que têm levado o povo à miséria.

A multidão que enchia a vasta sala das sessões votou um protesto energico contra as roubalheiras da Moagem e contra o procedimento criminoso dos proprietários e detentores de milho desta localidade, que pretendem elevar o custo a um preço inconcebível, deliberando acatar todas as resoluções da C. G. T., no sentido de meter na ordem os exploradores do povo, indo até onde for necessário.

Falam a seguir António Pinheiro, Amaro Pinheiro, Joaquim Sarria, Manuel da Cunha e outros oradores que se referem ao assunto em debate.

Depois, Alberto Dias, espreia-se em considerações sobre a organização operária e suas deficiências, afirmando ser preciso que todos os trabalhadores se compenem da sua situação dentro da presente sociedade, aconselhando a que todos se sacrificassem, congregando os seus esforços para a luta que há a travar contra os defeitos actuais.

Diz que a central dos sindicatos procura por todas as formas ao seu alcance coordenar as massas trabalhadoras, estudando uma nova organização como ficou deliberado no Congresso da Covilhã, para o que a C. G. T. nomeou uma comissão no intuito de dar andamento ao que ali foi resolvido, aproveitando a oportunidade para a estrutura de todas as células sindicais correspondendo assim ao desejo dos trabalhadores do país.

Referiu-se à carência da vida e seus principais factores, afirmando que, em virtude de ela ser maior cada dia que passa, proporcionalmente, os trabalhadores devem reclamar aumento de salário já que de outra forma ninguém se pôde manter em virtude de as entidades competentes não podem termo às roubalheiras constantes. Este processo não seria necessário se os trabalhadores se compenem dos seus deveres e se sobressaem impo- os produtores de toda a riqueza social e como tal com todo o direito para agirem.

Alude ainda à situação financeira que aumenta pavorosamente o que é uma das principais causas do agravamento da precária situação dos trabalhadores.

Fez ainda considerações sobre o problema da habitação e outros assuntos de ordem geral, tendo a sessão terminado no meio de grande entusiasmo.

Em Souzel

SOUZEL, 28.—Reuniram em sessão magna, para tratar dos interesses da classe, os rurais desta localidade, que aproveitaram o facto de se encontrarem de visita à terra três camaradas da nossa comuna a fazerem uma palestra sobre o movimento operário nacional e sobre o movimento operário destes cantões. As dissertações destes camaradas foram muito apreciadas pela assistência, que as sublinhou com calorosos aplausos, sendo aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.ª—Protestar energicamente contra as arbitrariedades exercidas contra a classe trabalhadora;

2.ª—Dar o apoio incondicional, tanto moral como material, a todos os movimentos que a C. G. T. leve à prática pró-bem-estar do povo.

Encerrou-se a sessão com aclamação à C. G. T., a *Batalha* e à organização operária.

Trabalhadores.

Lede A BATALHA